

EXPLICAÇÕES NECESSÁRIAS

Ao reunir diversos trabalhos publicados em Jornais da Imprensa potiguar, notadamente no "Jornal de Natal", semanário das segundas-feiras, nos sentimos no indeclinável dever de prestar alguns esclarecimentos que julgamos necessários mostrando com clareza o que nos levou à publicação deste trabalho. Ele nada mais é do que um registro emocional dedicado à cidade que nos serviu de berço, como também uma homenagem a todos aqueles tipos e personalidades humanas que marcaram a nossa convivência no cotidiano da nossa existência.

A segunda parte, reservamos às evocações, canto de amor ao chão de nossa cidade, numa viagem de saudade, e do amor mais expressivo de quem ama Natal como se ama a mulher dos nossos sonhos.

Consideramos que o ato de escrever, além de nos proporcionar prazer, é um ato de profundo compromisso com a história contemporânea e com a nossa própria identidade cultural.

Assim fazendo, estamos modestamente cumprindo uma missão de relevante importância, deixando para os que nos são caros e para as gerações futuras o registro fiel do nosso sonho: legar para a posteridade um mundo de paz e de entendimento.

MERY MEDEIROS DA SILVA

I PARTE

PERFIS HUMANOS NA LEMBRANÇA

Para que os personagens e os fatos citados aqui não se percam nas brumas do esquecimento!

O AUTOR

MERY MEDEIROS - O AUTOR

"Minha ligação com Natal é uma ligação telúrica, sentimental, romântica, de quem quer muito bem às suas ruas, ao seu povo, aos amigos e aos pontos mais característicos da cidade". É dessa forma que Mery Medeiros da Silva, líder comunitário no conjunto Panorama II, na Zona Norte, e assessor do Sindicato de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte, traduz sua afeição pela Cidade do Sol, cujas belezas e cultura não cansa de enaltecer nos artigos que escreve, como colaborador, no **Jornal de Natal** e "Diário".

Mas não é apenas o belo que Mery enxerga em seus escritos. Ele, que alimenta o sonho de um dia ver uma sociedade mais fraterna e igualitária, aborda também assuntos de ordem política e administrativa, tecendo críticas para mostrar que o povo também entende de administração e pode participar do processo de reconstrução da sociedade.

Mery Medeiros da Silva nasceu a 10 de janeiro de 1943, na localidade de Regomoleiro, próximo a São Gonçalo do Amarante, filho de uma camponesa e de um condutor de jumentos. Adotado pelo casal Maria Celeste Cavalcanti e José Medeiros, da família Siqueira, veio para Natal logo cedo, onde teve a sorte de usufruir de uma rica biblioteca.

"Esse ambiente influenciou muito meu gosto pela leitura, despertando em mim uma postura de contestação aos costumes da época", diz ele, que também presta serviços como contador, em algumas empresas.

Estudou as primeiras letras na escola do professor João Soares de Araújo, na rua Apodi, onde hoje é o espigão. Logo depois, foi para uma escola chamada Semi-internato e Internato Maria Auxiliadora, uma espécie de admissão ao curso primário. "Em seguida, rumei para o tradicional, velho e querido Atheneu Norte-rio-grandense. Dali, saí, nos idos de 63, para integrar os movimentos de contestação ao regime militar. Estive em Pernambuco, Goiás e Fortaleza, participando de movimentos sociais nordestinos e movimentos abertos", conta Mery hoje casado com Corina Anselmo da Silva e pai de um contador, com 27 anos.

Aos 20 anos de idade, ajudou a fundar as legendárias Ligas Camponesas do Nordeste, em 63, e, mais tarde, as Ligas Urbanas, uma espécie de frente política que agrupava várias tendências do movimento rural e cujo objetivo era corrigir as distorções existentes no campo.

"Todos esses movimentos rurais que existem hoje, a Confederação dos Trabalhadores da Agricultura, os sindicatos rurais da Igreja, os ligados ao PCB e os independentes surgiram em decorrência da ação das Ligas Camponesas, que trouxe à tona a discussão da reforma agrária", relata.

Depois que a poeira começou a assentar, passados os anos de chumbo, voltou a Natal, integrando-se novamente ao Partido Comunista Brasileiro. "Em Natal, voltei a fazer supletivo e passei a trabalhar no gabinete do vereador Sérgio Dieb, em 86."

Atualmente, trabalha com contabilidade e no Sindicato de Águas e Esgotos do Rio Grande do Norte, enquanto desenvolve trabalhos comunitários no conjunto Panorama II, na Zona Norte. "Eu, juntamente com alguns moradores, ajudei a construir a sede do conselho, onde procuramos discutir os problemas sociais. Só que é difícil em Natal, porque o movimento comunitário é muito grande e quase sempre disperso e atrelado aos políticos que fazem a política do troca-troca, com honrosas e raras exceções", critica Mery.

Fanático pela música popular brasileira, a qual diz representar, com autenticidade, a vida do povo brasileiro, gosta de ouvir Paulinho da Viola, Vinícius de Moraes, João Nogueira, Gonzaguinha e o velho Gonzagão.

Cinema, tem freqüentado pouco, mas admira os clássicos que se baseiam em fatos históricos. Com relação à literatura, não é diferente: "Eu li muito, quando estudante do Atheneu, os clássicos da literatura, Jorge Amado - expressão maior da cultura viva nacional -, Raul Pompéia, Aluísio Azevedo e Machado de Assis".

Admirador do teatro de rua do Alegria Alegria e do Estandarte, vê o natalense alegre, de boa índole, simples, humano e acima de tudo hospitaleiro.

Para ele, o quadro político atual brasileiro é de profundo desalento. "Com esse arrocho salarial sem limites e esse plano de privatização, eu só vejo uma saída

para o povo brasileiro: o fortalecimento dos partidos políticos, da unidade da sociedade civil e dos movimentos sociais".

Paisagem:

Vista geral da cidade ao anoitecer, entre a cidade e o rio, toda iluminada como se fosse um presépio.

Bairro:

Conjunto Panorama II, Zona Norte, onde moro há cerca de 18 anos.

Rua:

Apodi, no bairro do Tirol, onde vivi os dias alegres da minha infância.

Dica para o turista:

Conhecer as relíquias sacras das igrejas do Vale do Ceará-Mirim.

Armadilha para o turista:

Sempre procurar lugares onde não haja a sofisticação consumista dos bares da moda.

Off-Natal:

A cidade do Recife, com a beleza da sua parte antiga de velhos casarões, cortada pelo rio Capibaribe.

Praia:

Santa Rita, com suas belezas naturais.

Estação do ano:

O verão radiante e cheio de luz.

Sábado:

Passear despreocupadamente pela feira do Alecrim, num festival de cores, e no vai-e-vem dos que passam.

Domingo:

Arrumar prateleiras de velhos livros e ler preguiçosamente os jornais do domingo.

Prédio que mais gosta:

Solar Bela Vista.

Prédio que não gosta:

Os suntuosos, de luxo desnecessário, que humilham e intimidam os seus usuários.

Natal boêmia:

O bar de "De Assis" nos dias de sábado, com as figuras simples e humanas do centenário bairro do Alecrim.

Natal moderna:

Os imensos espigões de cimento armado.

Passeio:

A travessia de bote de Guamaré a Galinhos.

Utopia:

Uma sociedade mais justa e mais fraterna.

Manjar dos deuses:

Carne de sol de Caicó, acompanhada de farofa com cebola roxa e tempero verde.

Hora do dia:

Às 18 horas.

Pôr-do-sol:

Visto do alto da Ponte de Igapó.

Agenda:

De acordo com a necessidade do trabalho na semana.

Papo:

Aos sábados, com os velhos amigos na calçada da praça do Panorama.

Chato:

Papo de lamentação e arrependimento.

Natal que funciona:

A vida noturna dos bairros de classe rica.

Natal que não funciona:

As administrações repetitivas que não inovam nada.

Lixo:

A vida difícil tocada pelos que não possuem uma renda certa.

Luxo:

Os chás de filantropia, onde se fala da vida alheia.

Lugar que gostaria de conhecer:

A ilha de Cuba, para conhecer o seu sistema de saúde.

Homem natalense:

Gutenberg Costa, por sua obstinação e força de vontade.

Mulher natalense:

D. Eunice, do Canto do Mangue.

A cara de Natal:

"Royal Cinema", do genial Tonheca Dantas.

O canto de Natal:

A velha Ribeira, de muitos sonhos e promessas não cumpridas.

O Autor entrevistado pelo jornalista e escritor Paulo Augusto, para o "Canto de Natal", do "Jornal de Natal", Natal/RN, 11 de novembro de 1996.

SALOMÃO SARMENTO DE MORAIS - O VELHO COMUNISTA

Durante o decorrer de nossa existência, temos conhecido seres humanos que se destacam dos demais, pela sua maneira de ver a vida, pelo desprendimento e personalidade marcante.

Salomão Sarmiento de Moraes é o exemplo de todas estas afirmações. Toda a sua vida tem sido um exemplo de profunda lição de amor às pessoas, e da edificação de uma sociedade mais justa.

Salomão soube ser este D. Quixote de que fala o genial **Cervantes**, lutando contra os moinhos de vento da vida, desafiando os poderosos e os perigos da vida, sabendo enfrentá-los e compreendendo que "**viver é perigoso**", no dizer do Mestre Guimarães Rosa.

Tenho-o como mestre, pelo seu imenso acervo de conhecimentos, sua coragem indomável dos fortes e dos heróis, sua noção de moral e de ética. É profundamente admirável. Quando o ouço, sinto que as suas palavras jorram de dentro do profundo recôndito da alma.

Achamos que a vida foi feita para que se atinja o objetivo mais elevado, que é o da construção de algo mais consistente, formando nas pessoas uma concepção de opinião que ajude o curso dos acontecimentos que faz a história de nossas vidas.

Nascendo em Natal, em berço de ouro, filho de pais abastados, revelou-se desde cedo um polivalente, um "curioso" como se diz popularmente; fez-se um cidadão do mundo.

Viajando pelo Brasil afora, experimentou de tudo um pouco dentro das múltiplas atividades produtivas, e em todas elas sempre manteve a sua coerência em relação à política, fazendo do Marxismo a sua bússola e o seu Norte.

Ajudou na formação e criação de Entidades Sindicais e Comunitárias, tendo como lema a sua visão de humanista; enfim, viveu a vida com dignidade e intensidade.

Já beirando os 84 anos, voltou a Natal por um curto período. O nosso personagem enfocado retorna ao Estado do Espírito Santo, na progressista Cidade da Serra, cumprindo um destino de cigano, sempre buscando o seu ideário maior, com o

objetivo de assegurar melhores dias para a sua família, composta da atual companheira e dois filhos menores.

E plagiando um belo pronunciamento feito pelo Jurista Acácio Caldeira, no Programa "O Tribunal da História", levado ao ar em nível nacional pela TV Educativa, focalizando os aspectos históricos e políticos da vida do líder Luís Carlos Prestes, quando definiu três tipos de seres humanos:

"Os que lutam e perdem"

"Os que sempre ganham"

"Os que se locupletam sobre as vitórias dos outros"

Salomão Moraes se identifica plenamente com a primeira fase aqui descrita. Nas lutas em que se envolveu, quase sempre perdeu, sem nunca perder a sua vibrante disposição, que só agora, arrefecida pela perda gradativa da audição e visão, se apaga com o decorrer dos anos.

A história é escrita com fatos, com exemplos de vida e ação. Salomão a escreveu com a plena convicção dos seus ideais de liberdade e democracia.

Salomão Moraes nasceu em Lajes/RN e faleceu na Cidade de Serra/ES, no ano de 1997. Publicado no "Jornal de Natal" - Natal/RN - 9 de abril de 1994.

SÉRGIO DIEB - O EMBAIXADOR DA PAZ

À D. Cecy de Oliveira Dieb.

A notícia ressoou inesperada, num golpe forte e certo, logo às primeiras horas da manhã. Não cheguei às lágrimas, nem elas conseguiram vir até a mim. Só a inquietação enorme dominava o meu ser.

O incansável lutador Sérgio Dieb. Não existia mais entre nós. A sua luta permanente em defesa da causa da paz no mundo se encerrava tragicamente nas mãos frias e assassinas durante a noite morna e suave da sua querida e amada cidade.

Caminhamos com Sérgio Dieb, e juntos vivemos importantes momentos da política através da sua destacada atuação no Parlamento Municipal. Fui assessor do seu Gabinete na Câmara, vivemos momentos grandiosos da campanha de 88, que levou ao Palácio Felipe Camarão a Prof^a. Wilma Faria. Depois, fui seu auxiliar direto como Coordenador de Desenvolvimento Comunitário da Secretaria de Promoção Social do Município de Natal, fazendo parte, ainda com a sua presença, da Executiva do antigo Partido Comunista Brasileiro. E em todos estes cargos e funções, públicas ou políticas, ficou sempre clara a sua marca de profunda coerência política e honestidade no trato com a administração pública.

Nos dias atuais, é raro o desprendimento a interesses econômicos para enriquecimento fácil e escuso. E Sérgio a tudo rejeitou, não cedendo a pressões de toda ordem no sentido de abdicar a seus princípios, ao sentimento de justiça e liberdade social.

Acho difícil, neste momento, articular estas palavras e transformá-las em algo que expresse este sentimento de profunda emoção, pois a realidade é bastante dura e cruel. No entanto, é necessário superar o impacto e seguir caminhando para cumprir a missão. Sérgio era uma figura múltipla e fascinante. Difícil esquecê-lo, e muito mais ainda descrever, em poucas linhas, o significado maior da sua existência.

Perdemos, todos nós, um grande combatente, amigo sincero, e acima de tudo franco e leal. A saudade é tamanha que não dá para continuar. Aqui ficamos nós nesta grande trincheira, lutando contra os moinhos de vento de que falava o genial

Cervantes. No entanto, "*Navegar é preciso; viver não é preciso*", no dizer do sábio vate português Fernando Pessoa.

Este final é o tamanho maior e mais autêntico que pudemos produzir do mais íntimo da nossa alma, o tributo mais caloroso da nossa eterna saudade, de todos aqueles que tiveram a ventura de privar do seu convívio e amizade, e dizemos todos nós numa só voz, como só você sabia pronunciar: "*A luta continua*".

***Sérgio Dieb nasceu em Natal/RN e faleceu em Natal, em 28 de outubro de 1995.
Publicado no Jornal "Tribuna do Norte" - Natal/RN - 22 de dezembro de 1995.***

BARRABÁS, O BOM AMIGO

Sr. Editor,

Na calçada do Café São Luiz surgiu, de repente, a figura inofensiva e humilde do Bom Barrabás. Vítima atroz do destino traiçoeiro, que nos prega peças as mais diversas e imagináveis, o nosso Barrabás passou da condição de caminhoneiro errante das estradas da vida à condição menor de um mendigo a mais no mundo dos deserdados da sorte.

E ei-lo a perambular pelas ruas do centro da cidade, na alternância do vício da embriaguez quase habitual, com a alegria fugaz a solfejar velhas modinhas do cancionero popular. Curiosa a figura do nosso triste personagem, que um dia foi o menino de expressão alegre de nome Lucílio, em dias dourados e radiosos da infância despreocupada e inocente.

Sua memória falha, com o peso implacável dos anos; e a vida desregrada e relegada ao completo abandono, em que se consumiram as suas forças, transformou-o em apenas uma sombra envelhecida precocemente.

No seu semblante de uma tristeza infinda, Barrabás, outrora um ser alegre, conseguiu, apesar de tudo, reunir em torno de si um considerável círculo de pessoas que lhe devotava afeto. A vida se constitui numa sucessão de fatos imprevisíveis, que muitas vezes fogem do nosso controle emocional, pois quando nascemos não sabemos o que o futuro nos reserva no longo caminho de veredas e trilhas sinuosas.

Tributamos a Barrabás, pelo seu desaparecimento de forma simples e espontânea, a nossa saudade pela sua eterna ausência.

Publicado no Jornal "Tribuna do Norte" - Natal/RN - 08 de abril de 1997. O Popular Barrabás faleceu em Natal/RN no ano de 1997.

HOMENAGEM AO CAMARADA MOREIRA

No estudo dedicado ao desenvolvimento das lutas sociais no Brasil, através de informações obtidas em publicações específicas, no período entre o chamado "**Estado Novo**" até os dias atuais, a luta dos trabalhadores por transformações sociais tem se sucedido ao longo dos anos.

Muitos contribuíram nesta tarefa árdua de assegurar aos trabalhadores e aos excluídos da ordem social acesso às garantias mínimas e elementares asseguradas pela Constituição Brasileira.

O devotamento à causa da democracia custou a muitos companheiros o sacrifício pessoal, chegando até a eliminação no plano físico.

Estas palavras aqui colocadas têm como objetivo destacar, entre as inúmeras figuras humanas que conheci, a trajetória de vida política e de militante do companheiro **José Moreira de Araújo**, ou simplesmente "**Camarada**" **Moreira**, que ultrapassa os oitenta anos de existência dignificando a espécie humana, trazendo dentro de si os valores inquestionáveis da lealdade e firmeza aos ideais de liberdade e fraternidade.

O viver só faz sentido dentro de uma ótica de humanismo social, e Moreira fez do seu viver simples, de homem do povo, um exemplo desta nossa afirmação.

Residindo aproximadamente há sessenta anos no "**País de Mossoró**", tornou-se um referencial político do que se poderia chamar um idealista. O seu legado se constitui num elenco de virtudes que superam os valores superficiais da fortuna.

Pela conduta retilínea de sua vida, Moreira tornou-se, dentro de sua província, um cidadão do mundo, tendo inclusive o privilégio de conhecer parte da Europa e países do bloco socialista, antes dos acontecimentos políticos do Leste europeu. José Moreira, "Honra e Glória da Classe Operária de Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil, América Latina e Humanidade", no dizer do brilhante jornalista Dorian Jorge Freire.

O "Camarada" Moreira recebe, no limiar de sua trajetória, a homenagem justa dos seus conterrâneos, numa demonstração insofismável de que os ideais altruísticos de liberdade são perenes para a humanidade.

***Publicado no Jornal "O Mossoroense" - Mossoró/RN - 18 de maio de 1997.
Moreira vive atualmente em Mossoró/RN.***

O BOM BOÊMIO CARLOS LIMA

Neste segundo trabalho seqüenciado sobre o tradicional bairro da Ribeira, procuraremos enfocar figuras que fizeram de suas vidas um tributo de amor e abnegação às suas ruas e ao seu chão.

Uma dessas figuras, a qual me refiro, é o editor e jornalista Carlos Lima, que fez do seu ofício de homem de negócios uma luta constante em favor da cultura, e daqueles que fizeram dela o seu ofício diário de vocação e de sobrevivência.

Convivi com Carlos Lima durante dois anos, na minha atribulada existência de militante político, tendo como único atributo o que fala o velho refrão popular, "sem eira nem beira". Senti de perto a sua aguçada sensibilidade, na extensão do seu humanismo, em toda a sua plenitude, com imensas virtudes e alguns defeitos.

No seu recente desaparecimento, não pude ir vê-lo. A idéia de sua morte não se ajustou à minha frágil estrutura humana, já debilitada pelo descompasso do velho coração. Aquela impressão forte no nosso espírito de que as pessoas que nos são gratas não podem e nem devem morrer nos impediu de presenciar a sua última viagem.

O velho bairro da Ribeira muito lhe deve, pelo seu devotamento e pioneirismo. Criativo e dinâmico, fez do tradicional bairro o seu santuário de amor maior, a simetria sinuosa da sua geografia humana e sentimental.

O seu traço mais marcante foi a fidelidade aos amigos e à própria existência, fazendo da boêmia uma alegria pura do bom viver.

Aqui quero relatar um fato que por si só demonstra, sem sombra de dúvida, a múltipla face do seu coração generoso e encantado com a vida. Pelos idos do ano de 1972, o seu irmão, o empresário e professor João Alfredo Pessoa de Lima Neto, postulou a eleição a vereador em Natal pelo extinto MDB, e o bom Carlos Lima resolveu espontaneamente ajudá-lo. Combinamos juntos realizar um pretenso trabalho eleitoral no convencimento de eleitores comuns, de maneira a angariar votos para a primeira empreitada. Depois de longa peregrinação boêmio-eleitoral, e após uma refeição tardia na sua residência, o bonachão Carlos, num sorriso largo, exclamou: "Vamos à Redinha, olhar o pôr-do-sol". E para lá rumamos, para ouvir as histórias intermináveis de

Geraldo Preto, no bar da saudosa Comadre Dalila, encerrando assim, basicamente, a nossa maratona eleitoral.

Homem do seu tempo, que não perdeu a ternura e o lirismo de viver bem com a vida e com seus amigos. É assim que quero guardá-lo na memória por inteiro: andando a passos largos pelas ruas da Ribeira, cigarro no canto da boca, com uma palavra permanente da alegria esfuziante que contagiava a todos que tiveram a felicidade de gozar da sua amizade.

Publicado no "Jornal de Natal" - Natal/RN - em 22 de setembro de 1997. Nasceu em Natal e morreu em Natal, em 08 de abril de 1997.

O HUMANISTA VARELA BARCA

Utilizando este precioso espaço de opinião concedido aos que apreciam a leitura deste conceituado semanário, procuramos sempre resgatar o papel das pessoas simples e anônimas, ou mesmo de personalidades de maior expressão, que deram a sua contribuição à sociedade nos mais variados campos da atividade laborativa.

No campo do Direito, na Advocacia e na Cátedra, queremos enfocar aqui a figura inesquecível do Jurista e Professor **Carlos Antônio Varela Barca**, que buscou durante a sua existência ser aquela expressão da verdadeira Justiça, no alcance social de suas decisões.

Ocupando cargos de relevo no âmbito do Serviço Público federal e estadual, procurou em cada um deles fazer aquilo que lhe cabia fazer, como homem comprometido com as mudanças sociais, superando, com o calor de suas atitudes humanas, os limites estreitos e tortuosos da burocracia oficial.

Emotivo e empolgado com o que fazia, trazia para cada batalha que travava o brilho de sua inteligência privilegiada, toda a carga emocional e apaixonada de sua eloqüência verbal, baseada na expressão vernácula do **Direito**.

Conheci-o, de fato, no decorrer dos dias negros de tormenta da Ditadura Militar, que levou a tristeza e o desalento a muitos lares de conterrâneos e amigos nossos. Fui, por acaso do destino, um constituinte seu entre muitas dezenas que recorreram ao seu patrocínio como defensor jurídico de suas causas.

A sua dedicação na defesa dos seus constituintes junto aos Tribunais Militares foi de um brilhantismo invulgar, argumentando com destemor junto às forças do arbítrio o Direito negado e desrespeitado pela prepotência dos que detinham o poder militar e político do momento.

O seu sorriso franco e aberto, ajudado pela gesticulação inquieta e nervosa das mãos, ficou para sempre em nossa mente. Foi a vida inteira um ser de fina sensibilidade humana e elevada conduta moral, voltado para os mais simples interesses das pessoas das mais variadas camadas sociais. Declinou inúmeras vezes de convites feitos para concorrer a cargos eletivos nas mais variadas postulações.

Manteve sempre a sua postura de ser perante os mais variados foros da sociedade, o arauto maior na defesa dos perseguidos.

Viveu intensamente a vida, dosando-a de humanismo e espírito cristão, até os últimos dias de sua existência, ainda cheia de planos e sonhos, sendo ceifada pela moléstia pertinaz e aniquiladora que minou em breve espaço de tempo a sua rotina carregada de energia.

Ficou, para nós, o seu exemplo e seus ensinamentos, deixando para a sociedade civil, nos mais variados segmentos, a marca do seu amor exacerbado à cidadania e à liberdade.

Publicado no "Jornal de Natal" - Natal/RN - 22 de Janeiro de 1995. Varela Barca faleceu em Natal/RN a 17 de outubro de 1981.

VULPIANO CAVALCANTI - O NOSSO CAVALEIRO DA ESPERANÇA

Sr. Editor

Leitor habitual deste conceituado órgão de Imprensa, quero parabenizar o jornalista Rubens Lemos Filho pelo belo trabalho jornalístico enfocando a inesquecível figura do médico e militante político Dr. Vulpiano Cavalcanti, que fez da medicina o sacerdócio que conduziu vida afora, praticando o mister político, através da ideologia que professa mudar o mundo, dentro das relações sociais na sociedade.

Achamos que a Imprensa potiguar está prestando um grande serviço de caráter histórico e informativo, mostrando à juventude e à sociedade a trajetória daqueles cujas idéias ajudaram a democracia no sentido da afirmação no campo plural da discussão filosófica.

A liberdade de Imprensa se alicerça no esgotamento da abordagem de temas polêmicos que possam evoluir para uma discussão que vá trazer, aos mais variados segmentos sociais, profundo embasamento dos nossos valores culturais e políticos.

Somos crédulos neste processo de evolução social da comunidade, que terá fatalmente esta postura para mudar o atual contexto caótico de "desarrumação" social que impera no nosso país.

Esperamos que este órgão continue esta meta de valorização das nossas tradições culturais e históricas, ajudando a construir a memória da nossa história da organização social. Com os respeitosos cumprimentos do leitor assíduo.

***Publicado no Jornal "Tribuna do Norte" - Natal/RN - em 14 de dezembro de 1993.
Faleceu na cidade de Fortaleza/CE.***

"O BOM COMBATENTE CHICO DANIEL"

Após a legalização do Partido Comunista Brasileiro (PCB), surgiu a necessidade da criação de núcleos desta agremiação partidária no Interior do Estado, com o objetivo de satisfazer às exigências da lei eleitoral. E, em relação ao imperativo da lei em vigor, percorremos várias cidades interioranas, buscando o apoio de amigos, para com isto realizar a árdua tarefa de caráter partidário.

E baseados nestes laços de amizade é que conseguimos o apoio do artista e mamulengueiro Chico Daniel. Em companhia do jornalista e artista gráfico Cláudio Oliveira, seguimos manhã cedo em direção à terra da poetisa Auta A. de Souza, a velha Macaíba de "seu Mesquita", na localidade chamada de Mangabeira, à procura do renomado artista popular. Fizemos-lhe com alguma brevidade o relato da nossa missão, e saímos à procura de filiados, para conseguir a tal falada legalização do glorioso PCB da época.

Ao abordarmos as pessoas, para fazer o nosso proselitismo político, em defesa das causas populares, o nosso querido Chico Daniel, ao se apresentar, dizia na sua proverbial ingenuidade de uma beleza lírica sem par:

"Os Meninos de Natal vieram aqui dar um combate", querendo dizer que nós iríamos dizer qual as nossas idéias, e nosso programa de natureza política. E feito isso, o nosso bom Chico virava as costas para as pessoas, nos deixando a fazer a nossa preleção, quase incompreensível devido à nossa linguagem complexa, diante daquele povo bom, mas totalmente alheio a qualquer tipo de discussão de avaliação política.

E fomos durante o dia inteiro fazer a nossa cansativa peregrinação cívico-eleitoral, sendo dosada a generosas doses de Conhaque "Castelo". Ao final da tarde o nosso querido Dom Quixote já estava meio lasso, entre bêbado e cansado daquela maratona repetitiva, de frases e chavões indecifráveis aos ouvidos surdos daquele humilde povo da terra de Augusto Severo. De repente Chico Daniel, pateticamente, exclama: "Cláudio, me leve pra casa, eu ainda tenho que criar os meus filhos". Era um desabafo sincero e inocente em relação ao histórico preconceito que foi implantado pela classe dominante contra as idéias preconizadas pelo Partido Comunista Brasileiro, em favor da Democracia e do Socialismo.

Ao lembrar este pitoresco episódio, o fazemos com alegria saudosa das horas de alegrias e sofrimentos, vividas entre os queridos companheiros do antigo e inesquecível PCB.

Publicado no "Jornal de Natal" - Natal/RN - em 14 de setembro de 1998.

EM DEFESA DO FOLCLORE E EM MEMÓRIA DE DJALMA MARANHÃO, CÂMARA CASCUDO E VERÍSSIMO DE MELO

Reiniciamos neste trabalho a defesa permanente do nosso patrimônio maior, herdado pelos nosso ancestrais, que é a cultura popular, através das manifestações mais ricas e representativas em suas danças, costumes e hábitos.

No dia 28 de novembro último, assistimos ao encerramento da programação dos 150 anos de Folclore, tendo como centro as homenagens em memória dos folcloristas e escritores Luís da Câmara Cascudo e Veríssimo de Melo, este último recentemente falecido, contando ainda com a presença do presidente da Comissão Brasileira de Folclore, o professor e pesquisador Ático Vilas Boas.

Foi realmente uma noite de encantamento simples e autêntico, expressado pela apresentação dos Congos da Praia de Ponta Negra, no pátio interno do Sebrae, órgão ligado ao apoio às pequenas e médias empresas.

Tal iniciativa deveria ter por parte do Poder Público todo incentivo possível para as suas apresentações. Vale destacar o esforço que a Fundação "José Augusto" tem despendido no sentido de ajudar neste setor. No entanto, a precariedade de recursos orçamentários tem dificultado uma melhor assistência na preservação dos grupos folclóricos em extinção.

Foi montada no local uma interessante exposição de trabalhos marcando a reativação da Comissão Norte-rio-grandense de Folclore, resgatando a preservação de importantes segmentos da nossa cultura, que se encontra em estado agonizante, pela ausência do Poder Público.

Na tentativa de salvar do desaparecimento as principais referências do nosso folclore, temos a luta de um grupo de abnegados tendo à frente o professor e pesquisador Deífilo Gurgel, pesquisador Gutenberg Costa, e tantos outros que realizam um trabalho de pesquisa de extrema importância para o soerguimento da nossa cultura. Outra grata satisfação para nós foi presenciar, na galeria, fotografias amareladas pelo tempo, focalizando o saudoso prefeito Djalma Maranhão, defensor incansável e ferrenho em favor da nossa cultura e da sua terra, que tanto amou, mesmo sofrendo as amarguras do exílio.

O saudoso administrador Djalma Maranhão aparece nas fotos em companhia do ex-vereador Severino Galvão, já falecido, dançando alegremente um tradicional folguedo conhecido como Babelô, numa identificação telúrica e espontânea do saudoso governante com as suas raízes de amor à terra.

A nossa preocupação, como observador atento das questões sociais, nos leva a crer que iniciativas deste quilate têm de ser tratadas como questões prioritárias da parte dos órgãos ligados à questão cultural, pois o nascedouro de todas as vertentes convergem para um estudo aprofundado dos costumes e hábitos do povo.

Com a reativação da Comissão Norte-rio-grandense de Folclore, a semente foi lançada, para posterior fecundação desta luta de preservação no nosso patrimônio cultural, despertando do sono letárgico e imobilizador, não sendo priorizada a defesa do que é vital para a nossa sociedade, na conservação das nossas tradições culturais, como partícipes de uma sociedade que se propõe democrática e modernizadora.

Publicado no "Jornal de Natal" - Natal/RN - em 13 de janeiro de 1997.

O BOM CABOCLINHO

O Brasil perdeu uma das vozes mais representativas do cancionero popular brasileiro: o "Caboclinho Querido", como era tratado carinhosamente pelo radialista César Ladeira. Sílvio Caldas ganhou notoriedade nacional com a carinhosa e merecida denominação.

Ele representou toda a grandeza e musicalidade de uma época, num período marcante da vida brasileira, retratando com fidelidade as alegrias e tristezas do povo, transformadas em obras imorredouras através das vozes de nomes respeitáveis, como Ary Barroso, Noel Rosa, Bororó e tantos outros.

Mas foi como parceiro de Orestes Barbosa, numa produção musical que ficou marcada para a eternidade, com a música **Chão de Estrelas**, cujas estrofes nos tocam a sensibilidade, a partir de versos como estes:

**A porta do barraco era sem trinco,
Mas a lua furando nosso zinco
Salpicava de estrelas o nosso chão...
E tu pisavas nos astros, distraída,
Sem saber que a ventura desta vida
É a cabrocha, o luar e o violão...**

Com a sua morte, beirando os noventa anos, perde o Brasil, na sua constelação, um astro de brilho invulgar, na autenticidade de sua voz límpida e melodiosa, com o mesmo timbre inconfundível e característico de sempre.

Residindo há muitos anos em São Paulo, Sílvio tinha pelo Rio de Janeiro uma preferência especial, pelo calor de sua gente, pelos sambistas e a leveza do malandro carioca, apaixonado pela Mangueira, querida do seu coração, fazendo por isso a doação do primeiro surdo que a Estação Primeira da Mangueira teve, segundo informações do inesquecível Cartola.

De família de artistas, o seu pai Antônio Caldas foi o autor da valsa "Neusa", um dos seus retumbantes sucessos, na voz dos cantores Francisco Alves e Carlos

Galhardo, que formavam as vozes mais famosas do Brasil, na época de ouro da música popular brasileira e da ascensão do rádio, como principal veículo de divulgação do nosso cancionário.

Da morte do velho seresteiro, restam os acordes maviosos da sua voz ímpar, contando as velhas histórias e intrigas do amor.

Publicado no "Jornal de Hoje" - Natal/RN - em 13 de março de 1998.

NICE FERNANDES - A VOZ DE OURO DO RÁDIO

A noite do dia 25 do mês que passou proporcionou a todos nós momentos de profunda emoção, em evento promovido por profissionais da comunicação potiguar em convênio com a central de trabalhadores, denominada a força sindical, cujo o objetivo primordial é a formação de profissionais da comunicação. Os homenageados da noite foram dois expoentes do mundo artístico local, Nice Fernandes festejada radialista e o artista plástico Arruda Sales, intérprete do famoso personagem Danuza Sales. Achamos que tais iniciativas devem ser estimuladas e repetidas proporcionando a formação de valores antenados com novo tempo de evolução em que vive o mundo. A história do movimento artístico de nosso Estado traz no seu interior um grande acervo que não tem sido preservado ao longo do tempo. A não ser com raras e honrosas exceções como por exemplo a recente publicação do livro de pesquisa histórica no campo artístico, dando enfoque ao surgimento dos primeiros conjuntos vocais no Estado. Esta obra de autoria do procurador aposentado Dr. Procópio Júnior é um trabalho que deveria ser aprofundado por outras personalidades que viveram a fase de (ouro) do rádio sem o advento das novelas apresentadas com sucesso na televisão. Fica aqui registrado no resumo destes escritos a nossa homenagem a essas duas figuras de grande significado para a história do rádio rio-grandense pelo talento, vocação e originalidade nos mais variados campos de atividades da arte potiguar.

Publicado no jornal "Tribuna do Norte" - Natal/RN - em 12 de março de 1999.

II
PARTE
EVOCAÇÕES

A nossa eterna homenagem à memória das cidades e aos seus tipos humanos, que marcaram na Geografia Humana e Sentimental a sua própria História.

O AUTOR

EVOCÇÕES DA VELHA RIBEIRA

A Velha Ribeira tem para nós o valor telúrico e inalienável das coisas muito queridas, que guardamos com um pouco de egoísmo, quase intolerante, sem querer dividir com mais ninguém.

No passado, o velho bairro foi palco de toda uma geração, de um festival de luxo ostensivo de uma sociedade conservadora e cheia de glamour, dentro do plano sócio-econômico e político. Nas suas ruas hoje semi-desertas, o esplendor e o brilho se confundiam, e o poder sempre em ascensão, na época luziadia dos salões chiques e elegantes do Velho Grande Hotel, do todo-poderoso "Majó" Theodorico Bezerra, figura marcante, que ficou eternizado dentro da história política, aliada ao poder econômico que detinha.

Com a fugacidade das coisas efêmeras, tudo passou. O grande comércio, a grosso e atacado, começou decaindo, os salões e ruas apinhadas de gente elegante e vistosa, com o passar do tempo foram se esvaziando, e as suas ruas movimentadas adquiriram um aspecto sombrio e tristonho com as fachadas dos seus velhos casarões semi-arruinados. As suas vielas, de linhas sinuosas, hoje abrigam mulheres esqueléticas e que são apenas vestígios, a triste lembrança de um tempo dourado de sonho e fantasia.

Do passado, não muito remoto, vemos ressurgir das cinzas os seus grandes boêmios, que enriqueceram a geografia humana do querido bairro: Zé Areia, sempre em companhia do Vate maior, o poeta Newton Navarro, a declamar com eloquência o seu amor impetuoso à sua cidade e às suas ruas; o grandalhão Luís Tavares, com o seu vozeirão e a alegria terna do seu lado humano; Herwin, grande na estatura e no seu lirismo de se fazer querido pelos que os cercavam; o velho Português Olívio, de boa índole, servindo sempre os seus habituais fregueses, com uma frase especial para cada um; o italiano Amaro Lúcio, com um sorriso franco e aberto nos lábios, sempre de terno e gravata; e afinal, do alto do seu velho prédio da Câmara Cascudo, o Dr. Hernani Hugo, com a sua impecável roupa branca, a distribuir gentilezas e atenções às humildes e cansadas mulheres da vida denominada ironicamente de "fácil".

É esta a Ribeira que queremos e que continua guardada em nossa lembrança; não aquela imagem da revitalização cinematográfica e ruidosa. A Ribeira, para nós, é a "Pasárgada" dos nossos sonhos, com a preservação do seu rico conteúdo humano, da sua história rica de personagens humildes, que eternizaram as suas tradições imorredouras.

Publicado no "Jornal de Natal" - Natal/RN - em 14 de julho de 1997.

LEMBRANÇAS DO NATAL ANTIGO

Há muito tempo que tínhamos em mente um projeto, de proporções modestas, mas que possui na sua essência um conteúdo rico, de grande valia para a nossa formação, como pessoa, e também como observador atento da vida urbana e da sua natural evolução para metrópole.

A nossa infância e adolescência transcorreram em Natal, uma cidade acolhedora e de vida amena, tendo como cenário a tradicional e frondosa Tamarineira da rua Apodi, e circundada pelos morros e dunas alvas do bairro do Tirol. A rua da nossa infância tinha o nome lírico de rua Camboim, hoje rua Prof. Fontes Galvão, indo adiante até a larga avenida Apodi. Habitávamos um imponente e antigo casarão, que tinha no seu frontispício o nome de BETHEL, que, traduzido, chamava-se Casa do Céu, hoje ali se ergue imponentemente o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), onde, ao invés dos quintais amplos e cobertos de verde, nos defrontamos com atendentes fardados de gestos mecânicos e formais.

Numa espécie de retrospectiva cinematográfica, passamos em revista as figuras humanas que ali moravam, e que a poeira do tempo apagou, através da morte implacável. Vemos a nossa escola das primeiras letras, pela mão do criador e mestre Dr. João Soares de Araújo, um bondoso ancião de inteligência privilegiada, que ensinava os primeiros conhecimentos de leitura, intercalando com o bom hábito de declamar belas poesias, de sua autoria e de poetas do seu tempo.

Foi realmente uma figura marcante para a nossa formação intelectual e no plano emocional. Lembramos a figura excêntrica de um sacerdote culto e de costumes europeus. Chamava-se padre Ulisses Maranhão, descendente de tradicional família norte-rio-grandense, que no seu bem cuidado jardim tinha erigido um pequeno nicho com a imagem de N.S. de Fátima, trazida de Portugal, numa de suas viagens, que eram rotineiras, à Europa.

Lembramos a figura de um jovem, à época, de nome Autran Galvão, que morreu no início da pós-adolescência num hospital de doentes mentais. Era estudante de direito e apreciador de muita leitura. Por fim, nós chegamos ao chefe do clã, da família na qual fui criado, o Desembargador e também poeta Joaquim Homem de

Siqueira Cavalcanti, figura de destaque da magistratura e do mundo da cultura, e que muito me influenciou pelo gosto aos livros. Sua figura impunha respeito, pelo seu porte alto e elegante, e pelo timbre de voz. Cego ainda em pleno vigor de sua capacidade intelectual, sentiu-se naturalmente ferido na sua vaidade e orgulho próprio e caiu numa profunda depressão, que o fez se recolher definitivamente ao completo isolamento. Lembro-me bem que, muito criança ainda, eu lia diariamente os jornais da província, para que ele ouvisse pausadamente, e analisasse, para tirar as suas conclusões.

Tributo aqui, nestas simples palavras, o meu reconhecimento, pelo muito que aprendi com o seu convívio pleno de inteligência e sabedoria. Pretendemos prosseguir neste trabalho de resgate, da Natal de uma lembrança já distante e as figuras humanas que fizeram e povoaram o nosso mundo de adolescência contribuindo de certa forma para a nossa formação de cidadão do mundo.

Publicado no "Jornal de Natal" - Natal/RN - em 06 de maio de 1996.

LEMBRANÇAS DE NATAL ANTIGO - Parte II

Damos seqüência, neste trabalho de resgate histórico, à memória da cidade, rica de tradições culturais que compõem o dia-a-dia do natalense identificado com a sua paisagem lírica e acolhedora.

Neste trabalho queremos abordar a lembrança dos velhos e tradicionais cinemas, com as suas salas de projeções cercadas de espelhos por todos os lados, ou apenas os modestos cinemas tipo "poeira" espalhados pelo perímetro urbano da cidade.

De memória, fazemos a chamada geral para lembrar e aplacar as saudades, que são muitas: O Cine Rio Grande, Cine Rex, Cine São Luiz, Cine S. Pedro, Cine São Sebastião, Cine Alecrim, cada qual atendendo a um público, dentro da escala social de valores da sociedade de consumo.

Todos tiveram a sua importância e o seu valor, marcando com fatos e "estórias" a vida social da cidade.

O desaparecimento, ocasionado com a desativação de várias salas de projeções existentes, tem sido objeto de importantes matérias nos jornais da Imprensa local, nas cidades interioranas de Macau e Mossoró. As tradicionais salas de projeção hoje são substituídas por outras modalidades de atividades comerciais.

Para o registro da memória viva das pacatas cidades interioranas, o velho cinema, com o seu projetor, já se incorporou em definitivo à paisagem das cidades.

O avanço tecnológico, com o advento da televisão e do videocassete e outras inovações do gênero, através da modernização, fizeram com que o trabalho artesanal e paciente, que se constitui em muitas atividades criativas e de lazer, pelo seu encanto telúrico e simples, tendo a atividade circense, o cinema, as festas populares, aquelas mais ligadas ao Folclore Popular, as retretas exibindo as suas garbosas bandas marciais, enfim, uma gama de atividades festivas que expressam o sentimento de alegria contagiante do povo nas suas manifestações de pura arte, hoje desaparecidas ou prestes a desaparecer.

As entidades que trabalham no campo da pesquisa e apoio cultural precisam se voltar para a elaboração de um plano de restauração e incentivo à prática cultural

dentro dos aspectos acima expostos, pois eles representam a essência viva do talento de pessoas que não tiveram acesso aos meios de divulgação da cultura ou da educação formal.

É necessário salvar enquanto é tempo a memória histórica e o papel que ela pode representar para todos nós, os mais velhos, e principalmente para a juventude, que se inicia nos primeiros passos para o conhecimento acadêmico, com o objetivo de ajudar a construir o roteiro da própria história, através de suas manifestações mais ricas e humanas.

Este é o papel de todos nós, parceiros do conhecimento pleno no contexto histórico e cultural da humanidade.

Publicado no "Jornal de Natal" - Natal/RN - em 24 de fevereiro de 1997.

GRANDE PONTO

A propósito de uma inteligente matéria publicada no **Diário de Natal**, abordando a vida cotidiana do centro da cidade, ou especificamente do Café São Luís, a sentinela avançada da vida social da cidade no que temos de mais interessante, o compasso de espera da vida urbana da cidade presépio, que teve origem sob o nome de Natal, com a chegada dos três Reis Magos vindos do Oriente, na direção de Fortaleza, posto avançado rasgando a linha do Atlântico.

As figuras focalizadas pelo olho clínico do repórter recaem sobre a pessoa do pintor publicitário Pedro Grilo, amante das boas músicas e da boemia saudável, que o faz mais jovial e alegre, sempre cultivando a dança como seu passatempo preferencial.

A sua maneira de ser o faz conhecido e estimado por todos que o conhecem, o seu desprendimento e desamor às coisas fugazes e superficiais, ele vive a sua vida de acordo com a sua filosofia de avaliação do existencialismo, sem dar satisfação à mediocridade humana.

A segunda figura enfocada chama-se Adneide, que já se tornou uma figura que é parte integrante da paisagem humana da cidade. Seu maior atributo é a simpatia e a candura sempre presente no seu semblante.

A sua deficiência física não conseguiu roubar de si a sua vontade de viver e de se relacionar com as pessoas.

Pobre de bens materiais, supriu o lado triste da vida com irradiação interior da luminosidade própria.

Adneide, com seu jeitão agradável e cativante, nos dá uma lição de vida a todos aqueles que, embora tenham ao seu redor os bens, que a glória e o dinheiro conquistam, vivem sempre buscando, com ganância e avidez, a disputa do poder e vantagens em benefício próprio.

Há algum tempo conheço Adneide, e ela, com a sua maneira terna, nos humaniza.

A sua vitalidade é um sinal muito forte de que não basta a glória e o dinheiro para ser feliz, plagiando o velho e imortal artista Dorival Caymmi.

Sua expressão sempre alegre nos transmite tranqüilidade e paz, própria dos lagos perenes, no raiar das madrugadas.

Esperamos que o **Diário de Natal** continue a pesquisar este ângulo da vida natalense, resgatando a história dos que fazem o seu cotidiano, começando do Café São Luiz, memória viva da cidade eterna dos nossos sonhos.

Publicado no Jornal "Diário de Natal" - Natal/RN - Em 27 de fevereiro de 1997.

DO OUTRO LADO DO RIO

Nos idos do ano de 1978, precisamente no mês de dezembro, vim com sonhos e bagagens residir do outro lado da cidade, no CONJUNTO PANORAMA. A zona norte já era denominada "o outro lado da cidade", por um jornalista da terra, pela sua posição geográfica diante do estuário do rio Potengi, sempre amado, recebendo a brisa arejada e terna das correntes marítimas. Vim dos confins da cidade, oriundo de um bairro de má fama, chamado, grotescamente, de Carrasco, que ocupava constantemente as colunas policiais dos jornais da cidade, pela carência e mazelas dos seus pobres habitantes. A cabeça e o coração cheios, na ânsia e na busca de dias melhores. Os tempos passaram e a luta em busca da sobrevivência continuou até os dias atuais. Tivemos alegrias e também tristezas, sendo a mais profunda delas a perda da minha maior e melhor amiga: a minha mãe. Mas, o tom forte e marcante da nossa perseverança nos faz hoje olhar para trás e nos sentir compensados pelos caminhos percorridos. Este bucólico recanto de beleza natural, envolvente, com o nome sugestivo e característico de PANORAMA, descortina do alto de suas largas ruas o mirante do rio sinuoso, com a paisagem mostrando a fachada alegre e radiosa dos edifícios que embelezam a cidade que alguém já chamou de **Cidade Presépio**, num exemplo vivo de canto louvado aos três Reis Magos vindo do Oriente. Aqui fincamos as nossas raízes de amor ao nosso chão, plantamos árvores tenras e raquíticas, que hoje estão frondosas, e aqui fiz o meu observatório de sonhos, e de poesia. Não tenho em mim o temperamento nômade dos ciganos, e sim o conservadorismo, dos que guardam com carinho as coisas velhas e esquecidas. Assim, diante deste manancial, vou cultivando as coisas que amo, as velhas árvores, o rio corrente semi-coberto pelo manguezal, e as pessoas que estimamos através do usufruto dos laços da amizade sincera. Este é o meu Canto de Amor, eterno e vibrante nestes vinte anos de felicidade plena e aberta ao nosso destino de artesãos de sonhos.

Publicado no Jornal "A Voz da Zona Norte" - em janeiro de 1998.

ENTRE A CIDADE E O RIO

Costumo comentar alegremente entre os amigos comuns, que moro entre a cidade e o rio, pois o que me separa, da cidade ruidosa é este rio Potengi, de tantas lembranças e de muitos amores.

O cenário que se descortina daqui da minha janela é de uma poesia indescritível. Divisamos daqui, deste ponto elevado do nosso "Panorama", todo o verde de muitas árvores e vegetação abundante.

Mais adiante, divisamos a geografia bem delineada da cidade com os seus edifícios. Ao entardecer começam a surgir as primeiras luzes, a clarear a cidade alegre e festiva, que nos serviu de berço e abrigo pela vida afora.

Este canto de amor louvando a Natal é muito pouco diante do muito que a cidade nos deu. Só lamentamos que todas estas belezas existentes não tiveram o apoio necessário para a conservação do nosso potencial turístico.

Os governos, de forma genérica e global, são insensíveis à preservação da nossa potencialidade neste aspecto ecológico. Na Zona Norte temos, como exemplo, os inúmeros conjuntos habitacionais existentes, onde foram preservadas as inúmeras árvores plantadas, e que hoje circundam as suas ruas oferecendo uma variação climática agradável e saudável.

Esperamos que o próximo período eleitoral traga à tona a discussão de uma política de defesa da ecologia, principalmente dos que precisam dela, no caso, as camadas mais pobres da sociedade, que não têm a força e a influência no anteparo de tais interesses que são vitais ao cidadão na sociedade.

Numa época não muito distante no tempo, a nossa cidade tinha, num dos seus principais logradouros, uma experiência por demais interessante, que consistia na criação de belos pássaros e gaiolas postas em canteiros na tradicional Praça Padre João Maria. Esta era circundada pelos pés de Ficus Benjamin, que ofereciam um sombreado especial aos que ali freqüentavam. No entanto, o fim foi caótico: os pássaros foram roubados, danificaram as gaiolas e os bancos foram traiçoeiramente destruídos pela insensatez humana.

Isto para nós, que tanto amamos esta bela cidade, se constitui numa constatação constrangedora, pois, ao contrário do que aconteceu, devíamos nos constituir como guardiões ativos na defesa das belezas e das relíquias históricas do nosso rincão, como um direito inalienável da cidadania.

Publicado no "Jornal de Natal" - Natal/RN - em 29 de julho de 1996.

LEMBRANÇAS DO RECIFE

Nos arquivos da nossa memória, a cidade do Recife tem o valor eterno das coisas revividas. É uma cidade cortada ao meio pelas imensas pontes, lembranças do domínio holandês, onde a luz da lua reflete e reproduz a imensa claridade, que encanta os nossos olhos, nos trazendo lembranças de um tempo pleno de sonho e de puro romantismo.

Voltei depois de longos anos à velha Recife, ao seu centro da cidade fervilhante, e senti uma profunda tristeza, uma sensação de completo desamparo. A cidade tinha tomado um outro aspecto, as suas ruas apinhadas de pessoas apressadas, num vai-e-vem estressante, numa disputa feroz e animalesca.

Procurei as margens do Capibaribe amado e não vi encanto algum. E me doeu intensamente o que presenciei: este não era o meu Recife querido da minha mocidade, idealista e combativa. procurei a rua Augusta, com os seus antigos casarões, logo depois do mercado das Flores, tudo mudou de forma brusca e repentina, ou mudamos nós. Será que os nossos olhos cansados de tantos sofrimento e injustiças não conseguem divisar a beleza telúrica do Recife encantado, com as suas velhas igrejas, carregadas de silêncios e de contemplação nas suas tardes ensolaradas?

Sigo adiante e paro no tradicional Parque 13 de Maio, numa contemplação silenciosa, quando um guarda, seco e formal, me chama atenção para não sentar na grama que cerca aquele logradouro público de tantas tradições.

Este é o Recife que não queria reencontrar: frio, implacável e indiferente, fazendo surgir dentro de nós uma saudade que vem de dentro do nosso próprio ser.

Os sonhos acalentados nos dias radiosos da juventude audaciosa passaram. Ficaram apenas as lembranças sempre presentes dos dias cheios de ansiada espera no despertar do amanhã, que trouxesse ao mundo paz e fraternidade.

Publicado no "Jornal de Natal" - Natal/RN - em 01 de dezembro de 1997.

O MAR DE SAGI

Temos, por linha de raciocínio, defendido a opinião de que, antes de praticarmos o turismo externo, deveríamos nos imbuir do sentimento mais elementar do regionalismo na defesa das nossas reservas ecológicas existentes no Brasil afora.

No nosso Estado temos regiões quase que inexploradas, e que enchem os nossos olhos de belezas incomparáveis, parte do nosso rico acervo de tradições culturais.

É neste caminho, da valorização e da preservação da flora e das riquezas naturais existentes na fauna e no nosso solo, que procuramos sempre que possível fazer incursões na descoberta de recantos de rara beleza, mas que no entanto sofrem no abandono o descaso dos órgãos que se propõem a defender a bandeira do meio ambiente.

Para felicidade nossa, estivemos em visita a uma localidade que fica na jurisdição do município de Baía Formosa, e que se limita no seu lado fronteiro com o vizinho Estado da Paraíba.

Nos deparamos com a bela Praia de Sagi, de vida inteiramente nativa e com sua população composta de humildes pescadores, onde se encontram raros vestígios de progresso da civilização. Nas conversas simples com "seu" Doca e dona Jacira, sentimos em toda a profundidade a pureza quase ingênua de pessoas que ainda não se contaminaram com o vírus da hipocrisia e da maldade, tão em voga nas grandes metrópoles.

Foi realmente uma viagem de puro encantamento, com o belo espetáculo da natureza diante do mar azul, de ondas entre o remanso e as ondas revoltas, num vai-e-vem, como se fosse um imenso bailado de uma beleza sem fim.

Nas dunas alvas, de vegetação rasteira, ovelhas se refestelam ao sol radiante, em grupos agregados entre si, num cenário de beleza acolhedora.

Do outro lado das dunas, já divisamos sinais do Estado vizinho, chamado Barra de Camaratuba, separado os dois Estados por apenas um rio de águas correntes e claras.

Nas conversas descontraídas com os amigos, constatamos, na essência, que a afirmação de que "as águas só correm para o mar" procedem inteiramente. Realmente, os rios convergem e deságuam nas águas revoltas do oceano, fazendo com que o velho adágio popular se constitua numa verdade categórica.

Nossas divagações, constatadas, revelam um quadro de diferenças regionais, entre locais privilegiados de toda infra-estrutura, com aqueles onde faltam o mínimo de conforto, e os que residem no isolamento destas regiões padecem da exclusão social aviltante e impiedosa.

Esta redescoberta das nossas riquezas, o acervo dos hábitos e os costumes nativos do povo das regiões litorâneas têm sido a nossa preocupação primordial.

No final da tarde, quando o sol se esmaecia no horizonte, deixamos com imensa saudade a pacata e tranqüila Vila de Sagi, berço da beleza pura e natural, onde seres humanos vivem sem maiores desejos consumistas amando a natureza, num clima de fraternal convivência. Uma coisa que já não existe nos grandes centros, aniquilados pela corrida em busca da sobrevivência competitiva, ditada pelas regras do insano Capitalismo.

Sagi... mar azul, lembranças ternas das conversas intermináveis, do pôr-do-sol iluminando as jangadas atiradas ao sabor das águas, palhoças cobertas de palhas, numa adoração muda e grandiosa ao oceano de mistérios insondáveis.

Publicado no "Jornal de Natal" - Natal/RN - em 25 de agosto de 1997.

O LUAR DE AGOSTO

Estas noites frias de agosto nos lavam a alma. É quando Natal se cobre de luas convidativos à meditação e ao sonho.

Aqui para as bandas do rio Potengi, o espetáculo é bonito de se ver, os raios prateados da grande lua refletem-se sobre o velho rio nos trazendo uma imensa paz e tranqüilidade interior.

Daqui deste recanto mágico e lírico, bem denominado de Panorama, nos debruçamos numa atitude contemplativa de êxtase. É o rio de nossa infância e adolescência, cheio de sonhos que nos convidam a uma coisa só: à contemplação silenciosa sem nada a fazer com os olhos fixos nas vagas, quietas e paradas, que de quando em vez sobem e descem no curso natural do leito do rio tão decantado pelos nossos poetas.

Os bares e as ruas se enchem de uma bucólica melancolia de intimidades e segredos, convites a pequenas conversas coloquiais, ao pé-do-ouvido, sem maior alarde, confidências talvez de amores proibidos e interrompidos. Tudo é convite à introspecção, afinal é agosto, das noites frias e dos ventos fortes e assustadores, das mulheres airosas, que passam fingindo que nada vêem.

Nos fundos de quintais vicejam as mangueiras frondosas cheias de maturis em flor, antecipando a safra dadivosa que chega. É o começo de mais uma temporada de verão, com o sol causticante a queimar com intensidade os corpos sinuosos das mulheres seminuas.

Afinal, Natal é um espaço aberto à beira do Atlântico, com os seus frutos naturais e sua geografia de morros e elevações circundando a cidade num imenso cinturão de beleza sem par, num clima ardente e eterno.

Salve agosto de luas cheias, e o verão radioso deste chão de Natal amado, perene e eterno no nosso bem-querer.

Publicado no "Jornal de Natal" - Natal/RN - em 25 de setembro de 1995.

LEMBRANÇAS DE MACAU

Mais uma vez, estamos recorrendo à generosidade que lhe é peculiar para solicitar de V.S^a a publicação deste trabalho homenageando a brava Cidade do Sal, no que ela tem de mais importante: a sua história e a luta de organização dos seus trabalhadores.

Este periódico das segundas-feiras tem realmente prestado um inestimável serviço à causa da democracia e da organização da sociedade como um todo.

Sem mais para o momento, agradecemos a atenção a nós dispensada.

A cidade de Macau sempre teve em mim um fascínio telúrico e envolvente. O primeiro encontro se deu pelos idos de 1962, quando o País inteiro vivia uma atmosfera de ascensão da classe operária e dos seus mais variados segmentos sociais.

A organização quase perfeita do seu operariado me fez tocar a sensibilidade e o arrocho do jovem de então, quase criança, que aprendeu entre os experientes líderes operários daquela época.

Foi um tempo que nos marcou com bastante profundidade e moldou a formação do nosso caráter pela sabedoria fecunda que emanava daquelas posições dos velhos marítimos da brava terra do sal.

Os hábitos e costumes dos seus habitantes, vindos da faina laborativa do mar, tudo me transmitia uma profunda força de afirmação de vida.

Macau ficou para mim como se fora a "Passárgada", tão decantada em prosa e verso pelo imortal poeta Bandeira, a ilha desejada e ambicionada para o deleite dos nossos sonhos e divagações românticas.

No plano da pesquisa histórica, Macau tem sido o depositário fiel de tradições guardadas ao longo do tempo: as suas relíquias históricas zeladas com rigor pelo Sr. João de Aquino, seus blocos carnavalescos que marcaram época pelas ruas empoeiradas da terra do sal, suas figuras folclóricas e pitorescas, enfim, os seus loucos com seus apelidos e suas manias enchendo de alegria espirituosa as ruas da nossa decantada Macau.

No que se refere à área cultural, Macau está realmente carecendo de uma atenção mais apurada dos poderes públicos, numa valorização aos que construíram com o seu trabalho e o seu talento a sua história, nos mais variados ramos da atividade artístico-cultural, tendo como exemplo a força poética do imortal EDINOR AVELINO, filho ilustre de Macau, que cantou com exaltação as belezas da sua terra.

Temos no presente como representante autêntico da geração de intelectuais conterrâneos a figura do poeta GILBERTO AVELINO, filho do saudoso Edinor Avelino.

Com estas colocações queremos estender o nosso amplexo fraterno ao município de Macau, do meu passado de jovem e meu presente de quem soube envelhecer aprendendo a ouvir e calar, recebendo as lições dos velhos lobos do mar, lembrando com saudade os dias vividos entre as vagas e as intempéries do alto-mar.

Publicado no "Jornal de Natal" - Natal/RN - em 19 de junho de 1995.

Agradecimentos:

- ✓ Gutenberg Costa (escritor e pesquisador)
- ✓ Gileno Guanabara de Souza (advogado e sociólogo)
- ✓ Maria das Dores de Oliveira Barros (minha esposa)
- ✓ Vera Maria Nunes (sindicalista)
- ✓ José Gonçalves da Silva (poeta e sindicalista)
- ✓ Merísio Medeiros da Silva (meu filho)

Apoio Cultural:

- ✓ SINDESID/RN
- ✓ SINDÁGUA/RN
- ✓ CASA DO TRABALHADOR (Administração Roberto Lima)
- ✓ CDHMP - Centro de Direitos Humanos e Memória Popular (Coord. Roberto Monte)
- ✓ ASSEC/RN
- ✓ DHNET (Rede de Telemática Direitos Humanos & Cultura (<http://www.dhnet.org.br>))
- ✓ Sebo da Praça (Organização: Antônio Lisboa). Praça Padre João Maria, nº 71 - Centro - Natal/RN.
- ✓ A Sociedade de Poetas Vivos e Afins - SPVA/RN.